

CEDI - P. I. B.
DATA 31 12 86
COO TID01

ING. 818 12 cc 9

A Concepção de Indianidade (do Coronel Zanoni)

10/10
UNB. 10/12 cc

12.75 p
344 11/15

~~VOSES TEM QUE PERCOO TIPO NA FUNAI~~

O diálogo ~~entre~~ a seguir, é a transcrição de entrevista gravada entre o cacique José Saraiva e outros representantes do grupo Tingui-Botó, de Feira Grande (AL), com o coronel Ivan Zanoni Hausen, diretor da AGESP/FUNAI . Os Tingui-Botó reivindicam da FUNAI o reconhecimento de que são remanescentes indígenas e que tem, conseqüentemente, direito às terras e à assistência do órgão indigenista. Ficam bem explicitados, no decorrer da entrevista alguns dos "Critérios de Indianidade" aplicados pela FUNAI. Através das definições de "indianidade" do Coronel Zanoni vê-se claramente a importância atribuída aos critérios raciais na definição de quem é ou não índio em detrimento da consideração de critérios culturais (como a preservação de rituais) e sociológicos (os Tingui-Botó se consideram índios e assim são considerados pela população regional).

~~que a FUNAI não poderia ser prejudicada a sua~~
~~e a importância de suas reivindicações e da sua luta para a~~
~~defesa dos seus direitos e dos direitos gerais da população~~
~~e a importância de sua luta~~

(A transcrição da entrevista foi publicada no jornal PORANTIM, Nº 35, de dezembro de 1981) (Ver "Tingui, Kauri, Botó" na seção "República IV: Leste/NE")

Box de "Emanipação e Critério de Indianidade"

negro

~~TRANSCRIÇÃO DE UMA CONVERSÃO ENTRE O CORONEL ZANONI E JOSÉ SARAIVA
SARAIVA - BOTÓ E FEITIA GRANDE~~

~~_____~~

Zanoni: Que é que há? Você tá esperando há muito tempo? Senta aí e fala rápido porque eu já estou de saída.

Saraiva: Coronel Zanoni, aqui quem vai falar é o senhor. Porque o senhor como professor tem plenos poderes. Eu acredito que não pode haver uma condenação dessa (Refere-se à notícia do jornal em que o Cel. Nobre da Veiga nega a identidade étnica dos Tingui-Botó). Inclusive nunca foi feita uma pesquisa na parte do setor indígena deles. É... de objetos sagrados. Então eu acredito que o negócio foi errado. Era prá ter demonstrado ontem, mas...

Z- Não. Não tem nada errado aqui não. Tão confundindo terra com reconhecimento de Grupo. O que o presidente fez foi o seguinte: enquanto não for feito um laudo etno-histórico, não se pode tratar desse problema. Por que o problema de terra, hoje, tá todo ele conflitado no Estado. Então, como eu disse a você, o que o presidente falou foi o seguinte: o presidente sentiu que não adiantava querer regulamentar uma terra, quando a própria sociedade tá dizendo que vocês não são índios. ~~(Para mentira do Cel. No município e na região de Tingui-Botó não reconhece como índios. Além do mais, no início de 60, esteve visitando a aldeia, a comunidade Funai. Celso Morst que deixou na terra um relatório extenso, reconhecendo os índios).~~ E ninguém disse se vocês são índios ou não. ~~(O presidente...)~~ Alguém tem que se explicar. Alguém tem que se explicar e dizer que vocês são meio-índios, são remanescentes, não são. Isso é que tem que ser feito. Então a posição do presidente foi essa. Agora o que o jornal diz, o jornal tá sempre deturpando.

S - É... não sei...

Z - Vocês têm que ter confiança na Funai...

S - Ah, eu tenho confiança na Funai e... é melhor falar eu vou falar logo a verdade. Eu tenho confiança no senhor como me disseram que o senhor é antro... não sei como é?

Z - Sociólogo.

S - Sim. É que entende de muitas coisas de índio. Então nós viemos aqui...

Z - Isso é boa vontade deles.

S - Sim, Coronel Zanoni, nós viemos preparado. Nós trouxemos nossos objetos sagrados como o Cel. Silveira viu ontem. Um tipo de máscara que nem os brancos chama. Mas nós num chamamos máscara. Nós chama veste do nosso ritual, do nosso Ouricuri.

Z - Como é teu nome?

S - Meu nome é José Saraiva.

Z - José, é o seguinte. Ontem eu já disse a você qual é a nossa posição. Vamos sentar aí. Se eu chegar lá agora e mandar alguém do DGPI dizer que quer ver o arquivo, você sabe o que é que eles fazem. Vão queimar tudo o que tá escrito lá porque naquela terra daquela época foi há duzentos anos dos índios. Agora eu vou dizer uma coisa a você. Aquilo que o professor (inaudível) disse é o seguinte: Quando a gente olha prá você, por exemplo, a gente sabe que você tem sangue de índio, mas também tem sangue de africano.

S - De africano.

Z - Quando a gente olha prá mim, não sabe de que é que eu tenho sangue, mas eu tenho sangue de índio.

S - Sim senhor.

Z - Eu tenho um oitavo de sangue de índio Xarrua da Província de Dorrentes, na Argentina. Porque minha avô, minha avô veio daqui, oh... veio daqui. Aqui tava cheio de índio.

S - Sim senhor.

Z - Tenho sangue de portugueses. No entanto meu nome é alemão, tenho cara de alemão, mas lá no sangue tenho um pedacinho de... Agora o que tá acontecendo é que quando foi se levar o problema da terra... Como é que a Funai vai defender a terra se não tá nem sabendo quem é índio, quem não. Daí que começou o nosso trabalho.

S - Foi... foi...

Z - Isso é prá acabar com essa guerra. Porque se não muito antes da gente fazer qualquer coisa eles vão lá e queimam tudo como queimaram os cartórios todinhos. Você sabe disso, né Saraiva?

S - Não.

Z - Eles vão e queimam os cartórios pro INCRA não reconhecer negócio de título e tudo... É uma coisa terrível. Então o que é que eu bolei aqui. Foi uma maneira de a gente ir pros arquivos como se fosse não tem nada a ver com isso. Ninguém fala mais em negócio de terra. Nós vamos procurar como negócio de cultura, Museu do Índio e cadê os arquivos? Então nessa hora a gente bota a mão no negócio. Aí tá lá: Em mil setecentos e tanto Dom João num sei o que vendeu a terra... No ano tal assim e assim tem o testemunho do Padre Fulano que escreveu o relatório... Entendeu a diferença?

S - Entendi.

Z - Depois que a gente pegar isso a gente diz: Olha, o Zé Saraiva de fato hoje não é índio. Porque ele tem tanto de sangue índio, tanto de preto, tanto de português, tanto de não sei de que. Mas, há cento e vinte anos atrás existia uma tribo de índios aqui que era dona dessa terra. Foi roubada pelo seu fulano... Você entendeu?

S - Entendi.

Z - É esse o trabalho que vamos fazer.

S - É. E mesmo assim outra coisa que eu quero perguntar ao senhor. O senhor... nós vamos em conversa aqui... nós pedimos ao senhor, inclusive que tava os cinco índios ou remanescentes...

Z - A história é essa...

S - Nós perguntamos ao senhor e dissemos ao senhor que o problema da terra, por enquanto, a gente vai devagatinho. O que nós vamos precisando e a nossa viagem...

Z - É o meu trabalho.

S - Tá dependendo do senhor. O senhor falou que nesses trinta dias, não sei quando, ia no Recife.

Z - Eu vou.

S - E ia ver se tinha condições ou de dar uma passada por lá ou de mandar alguém ir fazer lá uma pesquisa sobre a aldeia.

Z - A minha ida não tem nada a ver com isso. Eu posso mandar lá alguém fazer uma pesquisa, mesmo não indo. O importante não sou eu, é o pesquisador.

S - O pesquisador.

Z - Não era isso que você tava preocupado?

S - É isso que eu tô preocupado. E eu quero, Coronel Zanoni, eu lhe peço até pelo amor de Deus, que o senhor faça isso por nós logo. *Prá* decidir uma vez por todas. Porque a gente tira essa ideia de ficar *andando prá* aqui, dando preocupação a todos...

Z - Eu entendo. Você tá debaixo hoje de uma angústia que você não... É preferível dizer não é...

S - Não é.

Z - Tá bom.

S - Exatamente. Você é um brasileiro como qualquer outro. Tem sangue disso, daquilo, mas...

Z - Se disser é., então agora... Agora é diferente. Aí a gente vai lutar, tomar a terra, num sei o que.

S - Perfeitamente.

Z - Agora o que eu quero pedir a você, é o seguinte: Primeiro, confiança na Funai. Segundo, não briguem contra o governo lá. Porque se você brigar contra o governo, contra o deputado, o prefeito, os caras poderosos, você já cria uma antipatia prá causa de vocês. Pense bem nisso.

S - Perfeito.

Z - Aí dificulta depois a ação da Funai. Porque todo mundo se prepara para ir contra. Então essa declaração do presidente esvaziou o negócio. Aí os caras: Não é não, não se trata disso... Quer dizer, os fazendeiros que estão lá compraram as terras de gentem que vendeu e que roubou num sei há quantos anos, ele tá agora tranquilo. Quer dizer: ele não vai lutar contra ela. Quando ele menos espera a Funai bota a mão no arquivo histórico e descobre que vocês são remanescentes dos índios tal, tal, tal. Mesmo que vocês não sejam índios e que não tenham direito, mas alguém ali (inaudível) que existia índios e que devia estar naquelas terras. Então quem está naquela terra... É. Você entendeu a jogada?

S - Entendi.

Z - Prá quem joga xadrez ou joga dama às vezes faz uma jogada e prepara prá dois, três lances depois. Tem que ser feito assim.

S - Agora, Cel, Zanoni, eu proponho ao senhor... Sei que tô aborrecendo... Mas...

Z - Não tá aborrecendo nada.

S - O senhor vá me desculpar.

Z - Não tá aborrecendo nada.

S - Eu como analfabeto não sei nem falar o português, nem tenho a minha língua tribal...

Z - Você pode não saber escrever, mas falar você fala muito bem.

S - Agora eu queria uma confirmação do senhor. O senhor como um professor, se o senhor quisesse... Nós não tem costume de mostrar uma parte do nosso ritual ao branco nunca na vida. Quem tá forçando - eu não vou negar ao senhor - quem tá forçando nós chegar aqui - como eu mostrei ao Cel. Silveira - é uma parte é... sinceramente eu vou falar ao senhor. É a Funai. Porque eu me sinto magoado da Funai, embora que eu não vou por conselho de branco nenhum que tem chegado lá na nossa aldeia, pedindo entrevista de nós, o que é que a Funai faz contra nós, prá nós dar entrevista na TV Gazeta, isso e aquilo outro. Não. A gente espera pela Funai. No momento, até aqui, nós considera que a Funai seja a nossa paz. E por isso nós, enquanto não houver uma realidade da Funai, num vai fazer isso. Nós vem se mantendo a não fazer mal a Funai porque é muito sério a gente agir contra a Funai numa coisa que ~~xxxxxx~~ ela ainda não foi lá. Mas...

Z - Zê, você sabe que não é culpa da Funai. Por que vocês, durante muito tempo... Vamos sentar.... Vocês, durante muito tempo, vocês toda a vida foram identificados como caboclos. Eu aprendi na escola quem tem meio sangue de branco com preto é mulato.

S - Mulato.

Z - Quem tem sangue de índio com branco é caboclo. E quem tem meio sangue de índio com preto é cafuso. Nós não aprendemos isso? Agora chegou um determinado dia, chegou uns caras a dizer o seguinte: Não, quem tem um tal e tal de índio é índio. Claro! Se eu disser que tenho o sangue de alemão, eu tenho um vinte num sei o que de alemão. Mas eu não sou alemão. Não sou alemão coisa nenhuma. Eu já não sou mais alemão. Agora eu tenho o sangue de alemão. Como eu tenho o sangue de francês, de português dos Açores, e de índio.

Z - Então, Saraiva, pense bem. Um americano, nos Estados Unidos, ele matou a charada. Ele disse assim: Só é índio quem é meio índio ou mais. Então você é meio índio. Que quer dizer meio índio? Você tem aqui o índio, né? E aqui você tem o branco. Se casa o branco com o índio, então nós chamamos esse aqui de caboclo puro. Lá nos Estados Unidos é índio. Porque está escrito que é meio sangue. Agora, esse aqui é o branco. Esse aqui, portanto, vai ser o meio índio. Mas se ele casar com um branco, já não vai ser mais, porque aí o sangue não é meio, já é um quarto.

S - Um quarto.

Z - Agora se esse aqui casa de novo com um índio, então realimenta o sangue. Então é índio. Me parece uma coisa assim. Mas, aqui no Brasil, não tem nada escrito a respeito disso. No dia que existir uma lei dizendo isso ou que alguém diga, não há essa briga forte. Então o que é que é um remanescente indígena? O remanescente indígena é alguém que tem sangue de índio, como eu sou remanescente. Eu sou um remanescente alemão. Como um menino filho de japonês é um remanescente japonês. Tem que ver até onde vai o sangue. Então ele chega pra você, o antropólogo, e levanta e diz assim: José Saraiva, você é filho de quem? Você diz assim: Meu pai era índio, minha mãe branca. Sua avó? Bom, o pai de minha mãe era preto e ela era índia. Mas o pai... Entendeu? Quando você botar isso pra frente você sabe qual é o seu sangue ou não. Eu sei que nunca foi feito isso. É isso que você quer que eu faça?

S - Eu quero que o senhor realmente faça um levantamento lá. Veja as nossas tradições, se com...

Z - Mas veja, o problema da tradição aí é que entra outra coisa. Qual é a tua tradição? A tua tradição é a mais forte por causa exatamente do traço. Se você tá lá dentro de uma terra de índio, aquele pessoal, mesmo preto, com cabelo carapinha, assumiu a cultura do índio, tem trezentos anos que entrou o preto no meio por causa dos Palmares...

S - Exatamente.

Z - Então nós vamos chegar à conclusão, a Funai vai dizer não. Que, embora na parte cultural histórica continua sendo índio, quer dizer, esse é o laudo que a Funai dá. Isto é o que nós fizemos...

S - Pois é isso que eu vim lhe pedir...

Z - Então fique tranquilo, rapaz. Agora uma coisa que eu vou lhe pedir. Você fez mal em ter vindo aqui sem falar com o seu delegado.

S - Coronel... Coronel Zanoni, eu sei que fiz mal. Mas o senhor...

Z - Não vou dizer que você fez mal. Mas não foi a melhor solução. Não fez mal, mas não foi a melhor solução.

S - Exatamente.

Z - Por exemplo, se você me vende esse arco por dez cruzeiros, você não vendeu mal. Mas não foi a melhor venda. Você poderia vender a outro por quinze.

S - Exatamente.

Z - Eu vou dizer porque. Se você tivesse ido, entre vindo a Brasília, tivesse ido ao Leonardo, hoje ele já me teria passado um telegrama, pedindo prá eu mandar um técnico meu prá fazer um laudo etno-histórico sobre os remanescentes ou a comunidade que se diz índio...

S - Tingui-Botó.

Z - Ganhava. Antes mesmo de você sair de Recife prá Alagoas talvez já tivesse ido lá o técnico.

S - Mas o senhor sabe o que é que acontece? O senhor sabe o que é comunidade? Comunidade agita.

Z - Tudo bem.

S - Agita...

Z - Não tem, como eu disse, não tem nada de errado. Apenas não foi a melhor solução. O importante é o seguinte, Saraiva. Você volte lá pro seu povo e diga o seguinte: Nós vamos ter uma definição da Funai. Agora, não agitem. Não briguem. E não criem problema. Porque se o indivíduo te avisa que vai brigar com você, você já fica de arma, esperando ele. Agora se vem o cara aí para conversar com você, é diferente.

S - É diferente.

Z - Você oferece um café prá ele. Mostra a mulher, mostra os filhos, mostra a casa. Entendeu a diferença?

S - Entendi.

Z - Nós não podemos brigar com a sociedade envolvente.

S - Exato.

Z - Quem vai dizer se você é índio ou não é, é o laudo. Todo o mundo. O índio é aquele que é índio. Assume a sua condição. Agora, não tem nada a ver com esse problema de terra. Esse é um negócio muito mais difícil e que tem que ser feito (inaudível). Por exemplo, o Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul tomaram as terras dos índios. Quem tomou foi o governo do Estado. Não foi esse governador, não. Foi outro. Foi Brizola, foram os outors. Então, no momento, essa terra do índio está cheia de colono, de gaúcho que comprou aquela terra. Você não pode chegar e botar aqueles caras prá fora da noite pro dia. Agora, o que é que eu disse. Nós não temos que brigar com esse povo. Nós só temos que levantar quem é que é índio e quem não é. Depois que a gente levanta... Então, você é índio. Morou toda a vida aqui, então não podiam ter vendido a terra do índio. Aí é que... É uma outra operação que vem depois. Então você pegou muito bem. A primeira coisa que você precisa é do técnico lá prá fazer esse trabalho. E vai se feito.

S - Exatamente. Agora eu quero que o senhor como chefe que vai designar esse trabalho, eu queria pedir o favor ao senhor. Que o senhor marcasse assim o tempo. Assim, de trinta dias prá cá. E me desse a palavra do senhor por escrito porque assim é a firmeza.

Z - Por escrito não precisa. Tô lhe dando minha palavra que eu vou mandar gente prá lá. E lhe dou minha palavra que eu vou mandar gente logo que puder.

S - Mas qual é o tempo mais ou menos? Marque, nem que seja um tempo longo. Mas eu quero ter a certeza.

Z - Eu digo, então, a você. Dentro de trinta dias vai um técnico à área.

S - O senhor não se incomoda de ver um pouco de nossa cultura? Do nosso ritual? Aqui na sua presença?

Z - Não vai dar agora. Porque eu tenho compromisso, como eu disse a você. Hoje de tarde eu tenho uma reunião no Ministério do Interior. Agora eu tenho gente que vai almoçar na minha casa. Eu não posso. Eu preferiria que vocês me honrassem, quando eu fosse visitar a sua aldeia.

- S - Até demais.
- Z - Então aí vocês preparam e eu estarei lá com o delegado e, possivelmente com meu técnico.
- S - Muito bem. Nesses trinta dias?
- Z - De hoje a trinta dias. Que dia é hoje?
- S - Hoje, eu não sei.
- Z - Vinte e cinco de setembro. Antes de vinte e cinco de outubro tem gente lá. ~~(...)~~
- S - Muito bem. Olhe, eu vou apertar a mão do senhor. E vou confirmar no Sr.
- Z - Sem dúvida. E lá você prepara uma senhora recepção. Eu vou com o delegado. Eu vou com o meu técnico.
- S - Muito bem. Palavra do Coronel Zanoni, não é?
- Z - Não. É a mesma do Coronel Nobre da Veiga. Que eu sou amigo do Cel. Nobre da Veiga. É um homem de palavra.
- S - Essa coisa que tá no jornal não tem nada que ver?
- Z - Não. Isso é até bom prá vocês. Você entenda. Porque com isso aí todo mundo ficou, ninguém vai incomodar mais.
- S - Então tá. E adeus e muito obrigado.
- Z - Nos vemos lá na sua terra.
- S - Muito obrigado. Eu vou me embora. Até logo.

[Handwritten signature]
CMM-NE
3
9900 Propria SE